

---

## **Análise dos discursos jornalísticos sobre o movimento *Black Lives Matter* no Brasil e no mundo a partir da visão bakhtiniana<sup>1</sup>**

Fernanda Nagliati GONÇALVES<sup>2</sup>

Isabela MATIAS<sup>3</sup>

Maria Lúcia de Paiva JACOBINI<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP

### **Resumo**

Este artigo consiste na análise das manchetes e linhas finas de dois portais norte-americanos e dois brasileiros: *The New York Times*, *The Washington Post*, revista *Piauí* e jornal *O Globo*. As reportagens foram veiculadas em 2020 e trazem como tema as manifestações desencadeadas após a morte violenta de um homem negro chamado George Floyd, pela força policial, nos Estados Unidos que fomentou o movimento *Black Lives Matter* e refletiu em território brasileiro, frente ao assassinato do menino João Pedro Mattos Pinto, também por violência policial, no Rio de Janeiro. O objetivo principal do estudo é analisar o uso do discurso na elaboração de narrativas jornalísticas e os efeitos de sentido que este recurso linguístico pode produzir no leitor/interlocutor, mediante a perspectiva bakhtiniana.

**Palavras-chave:** Discursos jornalísticos; Dialogismo; Polifonia; *Black Lives Matter* e Bahktin.

### **Introdução**

As narrativas diante das manifestações contra a violência racial fazem parte dos discursos culturais circulantes atualmente no meio social, tendo visibilidade em várias esferas de atividade, inclusive no jornalismo. Com isso em perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar como reportagens de dois veículos midiáticos abordaram pautas raciais, no Brasil, pautadas em interesse político, social e cultural.

Uma pesquisa diacrônica como a que estamos propondo deve levar em conta a relação entre a produção da notícia e o contexto sócio-histórico-ideológico, o que pode revelar a intencionalidade do enunciador. De acordo com Bakhtin, os signos ideológicos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares Da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica, email: [fernanda.ng@puccampinas.edu.br](mailto:fernanda.ng@puccampinas.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica, email: [isabela.m5@puccampinas.edu.br](mailto:isabela.m5@puccampinas.edu.br)

<sup>4</sup> Docente do Curso de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: [maria.jacobini@puc-campinas.edu.br](mailto:maria.jacobini@puc-campinas.edu.br)

---

refletem e refratam a realidade de cada esfera ideológica, com a possibilidade de distorcê-la, ratificá-la ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Desta forma, de acordo com Bakhtin/Volochínov, “o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992, p. 37).

De acordo com tais considerações, vale ressaltar que, a partir da escolha de uma determinada voz e não de outra, há a possibilidade do autor de um texto induzir o leitor a uma certa opinião e/ou ideologia em relação a determinado evento social, por isso a relevância de trazer análise tal fundamento bakhtiniano para uma análise no campo jornalístico.

Assim, o artigo analisa o discurso contido em reportagens dos jornais *The New York Times* e *The Washington Post*, ambas publicadas no dia 2 de junho de 2020, que abordam os protestos realizados no dia anterior, em Washington DC, nos Estados Unidos. Estas manifestações aconteceram em decorrência da morte de George Floyd, homem negro estrangulado até a morte por um policial branco no dia 25 de maio de 2020, bem como o discurso do ex-presidente Donald Trump sobre o envio de tropas militares nos estados onde as manifestações se tornaram mais expressivas.

Em paralelo, também buscamos traçar uma relação com as reportagens publicadas no jornal O Globo, do dia 31 de maio de 2020, e na revista *Piauí*, do dia 2 de junho de 2020, que dissertam, especificamente, sobre o protesto do dia 31 de maio do mesmo ano, no Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, cujo estopim foi o assassinato de João Pedro Mattos Pinto e de outros cinco jovens negros.

Considerando tal objeto de pesquisa, o nosso intuito é compreender e elucidar, por meio das práticas semióticas que fazem parte dos dois veículos de comunicação selecionados, uma análise referente à estratégia discursiva de cada reportagem e suas possíveis formas de produção.

Como aporte teórico-metodológico, foram utilizados os referenciais bibliográficos do Círculo de Bakhtin (BRAIT; MELO, 2006), abordando conceitos como: enunciado, enunciação, dialogismo, polifonia e ideologia. Essa corrente representa um significativo legado de discussões em torno de aspectos sociais e filosóficos, que podem ser utilizados para analisar a produção de determinada cultura e seus processos de comunicação até hoje.

Sendo assim, identificamos em nosso objeto de estudo os conceitos de dialogismo, polifonia, enunciado e enunciação, propostos pelo teórico e linguista russo Mikhail

---

Bakhtin. Buscamos, assim, investigar as estratégias de linguagem utilizadas nos discursos destes jornais e seus desdobramentos para quem os lê e para a sociedade que está situada em tal contexto histórico atual, tendo como foco de pesquisa a manchete e a linha fina das quatro reportagens em questão.

Levando em consideração que o estilo da notícia é marcado pelo ideal de objetividade (LAGE, 2012) e que o texto jornalístico deve ser de fácil compreensão para o destinatário da mensagem, no entanto, não consideramos que a notícia seja imparcial. Pelo contrário, como em toda produção linguística, podemos nela encontrar estratégias de seleção que orientam o sentido do texto.

Nesse sentido, a publicação deste trabalho tem importância por identificar a teia de vozes presentes nos discursos exibidos, na tentativa de reconhecermos e destacarmos embates que concluem que não há neutralidade no jornalismo, particularmente após a observação pelo viés bakhtiniano. Afinal, o jornalismo não é um espelho que reflete exatamente o que ocorre na realidade, pois a sua produção envolve várias pessoas, com ideologias e culturas diferentes, fazendo com que elas tenham visões distintas do mesmo fato.

### **Um olhar sobre os conceitos de Bakhtin**

Em todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, a linguagem tornou-se o fio de ligação, ou seja, o processo de interação que operacionaliza a vida social (BASTOLLA; SOUZA, 2017, p. 1). A ideia é que cada recurso linguístico empregado pelos indivíduos e/ou grupos sociais no ato da interação dialógica, resulta em reflexões sobre determinadas temáticas ou ações.

Nesta perspectiva, o estudo da língua, baseando-se na semiótica, aponta a linguagem como um sistema de signos, sendo ele uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência dele. Ou seja, o sentido dado a cada palavra está vinculado ao contexto em que o emissor e receptor estão inseridos.

De acordo com o filósofo Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975), as ideias são sustentadas pelas nossas construções ideológicas. Para ele, a linguagem tem um caráter sócio-histórico e interdisciplinar, pois não existe de maneira isolada, mas ligada à sociedade e sua história, cultura e ideologia. Sendo assim, todos esses elementos

interferem na produção dos signos presentes na linguagem e na construção de nossos diálogos:

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é ideológico. (MIOTELLO, 2005, p.170)

Como parte de seus conceitos, as percepções de enunciado e enunciação têm papel singular na noção de linguagem que permeia a teoria bakhtiana. O enunciado pode ser visto ou ouvido, escrito ou falado, e se apresenta como um ato de comunicação social, na qual ocorre uma interação entre sujeitos, em uma dinâmica de alteridade entre o *eu* com o *outro*.

Nessa perspectiva, (o enunciado) é concebido com unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos (BRAIT; MELO, 2006, p.65)

Neste processo, o receptor não é compreendido como um ser passivo, tampouco o locutor, já que o enunciado reflete em uma memória discursiva, que contém enunciados proferidos de outrora e possibilidades de novos enunciados a partir daquele, nas quais o sujeito entra em contato com a enunciação, mesmo que de forma inconsciente.

Os discursos só podem ser compreendidos e analisados se existir uma situação extraverbal. Como apresentam as autoras Beth Brait e Rosineide de Melo:

[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação, configuram o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos, etc.), que antecedem esse enunciado específico, quanto ao que ele projeta adiante. (2006, p.67)

Esse processo significa que o enunciado vai além do verbal. Um enunciado implica muito mais do que aquilo que está presente dentro dos fatores estritamente linguísticos (BRAIT; MELO, 2006), permitindo um olhar aberto e infinito em uma cultura, marcada por ecos de outras culturas e dimensões paralelas que o influenciam.

Vinculada ao enunciado, a enunciação carrega o contexto histórico, ideológico, social e cultural do discurso. Sendo assim, nenhuma mensagem existe sozinha, pois está inevitavelmente conectada à forma como funciona uma sociedade e ao contexto histórico em que está inserida. Ou seja, o autor de uma fala nunca é único, mas um dos que compõem aquele discurso repleto de costumes e ideologias de uma determinada época.

---

Levando em consideração o conceito de ideologia, segundo Fiorin mediante a perspectiva bakhtiniana, como:

Um conjunto de ideias, essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. (FIORIN, 1990, p. 28)

Para Bakhtin e Volochinov (1992, p.112), a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Afinal, o sentido de uma fala pode variar de acordo com quem está lendo, já que este também carrega uma bagagem ideológica e cultural, assim como aquele que produz o discurso. Sendo assim, a mesma mensagem pode levar a diversas interpretações quando recebida por indivíduos diferentes.

Dentre os conceitos filosóficos bakhtinianos, o dialogismo é o fundamento de toda linguagem. O termo dialogismo é o princípio interno da palavra, o que significa que, no discurso, o objeto está mergulhado em valores e definições, fazendo com que, nas interações sociais, o falante se depare com múltiplos caminhos e vozes ao redor. Como bem resume José Fiorin (2016, p.22), “são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”.

Mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios, este por sinal já carregam percepções sócio-históricas.

Aqui, entendemos que o dialogismo entre enunciadores não se liga a uma vontade exclusiva do falante ou que a linguagem está sendo dita pela primeira vez, muito pelo contrário, já que os discursos se constroem a partir de algo dito e em oposição a ele, porque resultam do embate de muitas vozes sociais. Nas palavras de Bakhtin:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.125).

Com isso, o autor defende que todo e qualquer diálogo, nele contém outros diálogos tornando-se uma junção de ideias, pensamentos, afirmações etc. Assim, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos que todo enunciado é dialógico (FIORIN, 2016, p.27).

Já o conceito de polifonia bakhtiniano é resultante das diversas vozes presentes em um texto. A multiplicidade de ideologias distintas, presentes em um discurso, sem que

---

haja a necessidade de reduzir apenas uma em dominante. Dentro deste processo ainda temos o autor, que para Bakhtin não está em uma função secundária, na qual renuncia do seu ponto de vista, mas sim cria uma relação entre sua verdade e o discurso do outro, como descrito no texto:

A posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo ideológico, mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro. (BEZERRA, 2005, p.193)

Vale ressaltar que o autor e as vozes carregam na fala o dialogismo, conceito necessário para a existência da polifonia, “trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades” (BEZERRA, 2005, p. 194).

### **Diálogos possíveis entre a teoria bakhtiniana e a repercussão midiática: o caso de George Floyd**

As manchetes e títulos são responsáveis por chamar a atenção do leitor, o convidando para a leitura das páginas seguintes de um jornal impresso. No jornalismo, a primeira página opera como uma forma de valorização do conteúdo de um veículo de comunicação, sintetizando os assuntos tratados no interior do jornal e destacando o que há de mais importante na edição, que apresenta, de forma hierarquizada, uma seleção de fatos do dia anterior.

Assim, consideramos as manchetes como parte fundamental na construção de um jornal. Por isso, optamos por atentar nosso foco de análise nas manchetes de dois dos veículos impressos mais lidos nos EUA: *The New York Times* e *The Washington Post*.

A escolha do recorte temporal e editorial não foi arbitrária. Após pesquisas sobre o tema, encontramos uma grande repercussão de opiniões referentes à manchete do jornal *The New York Times* do dia 2 de junho de 2020. A edição foi alvo de várias críticas, levando o jornal a alterar textos e títulos da primeira página e a publicar uma nova versão, divulgada pouco mais tarde, no mesmo dia.

Acusado de endossar o discurso do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e de ignorar as possíveis táticas violentas empregadas para afastar manifestantes em Washington DC, o jornal se sentiu pressionado após publicar a capa com o título: *As the chaos spreads, Trump vows to ‘end it now’*, ou em tradução livre, À medida que o caos se espalha, Trump jura ‘acabar com isso agora’.

---

Não se tratando de um processo aleatório, a produção da notícia escrita segue determinadas regras. Entretanto, por mais que haja métodos específicos e devida apuração, não consideramos que a notícia possa ser imparcial, já que, como toda produção linguística, podemos encontrar elementos estratégicos que norteiam o texto para certas conclusões do leitor.

No caso das manchetes escolhidas, podemos perceber as construções argumentativas dos textos a partir da escolha de determinadas palavras, bem como a exclusão de outras, além das vozes presentes e os atores sociais responsáveis pelas declarações que as compõem. A partir da perspectiva de Bakhtin, da linguagem como polifônica e dialógica, pretendemos demonstrar o caráter responsivo de tais publicações e seus possíveis desdobramentos.

A primeira versão do jornal *The New York Times*, que chegou às bancas norte-americanas pela manhã do dia 2 de junho de 2020, apresentava, conforme citado anteriormente, o seguinte título: *À medida que o caos se espalha, Trump jura ‘acabar com isso agora’*. Trata-se de um resumo do conteúdo da matéria e, não só dá nome ao texto, mas também revela a visão que o autor possui sobre a notícia. Assim, podemos dizer que o título é revestido de alguma ideologia. No caso do título analisado, percebemos que os autores Jonathan Martin, Katie Rogers e Maggie Haberman fizeram o uso das aspas para dar ênfase à citação “*acabar com isso agora*”, buscando um afastamento do seu discurso e da voz do ex-presidente Donald Trump. Na concepção bakhtiniana, podemos dizer que polifonia tem a ver com o tipo de tratamento que o autor dá às vozes dos personagens em um texto ou discurso. Nesse caso, o discurso torna-se polifônico por evocar a voz do ex-presidente, que também representa um valor dentro do enunciado contido no título. Ou seja, concebemos que o outro autor dessa voz, Donald Trump, não se apresenta como um objeto, mas como outro sujeito, com o qual os jornalistas da matéria dialogam.

Entretanto, apesar dessa estratégia de afastamento representada pelas aspas, os escritores utilizam o verbo “*jura*”, “*vows*”, indicando uma posição oficial de uma afirmação, que pode passar a impressão de algo positivo, ao mesmo tempo que exerce uma ação sobre a fala separada por aspas. O verbo é portador de sentido e, neste caso, colabora com a declaração do ex-presidente. Ou seja, o sentido seria outro se o verbo utilizado fosse “*diz*”, por exemplo.

---

Além disso, podemos interpretar que, ao escrever a frase na voz passiva, os autores do título promovem um apagamento dos sujeitos que iniciaram o chamado “*caos*” e os possíveis motivos que os levaram a tal resultado. O leitor, pelo menos no primeiro momento, não tem acesso aos outros agentes participantes do fato, mas pode facilmente enxergar o ex-presidente Donald Trump como um “herói”, capaz de solucionar o problema.

Por fim, e em nossa opinião, o elemento que mais expressa uma ideologia por trás do título, é o uso da palavra “*caos*”. Esse termo significa um estado de completa desordem; amontoado de coisas que se misturam; desorganização mental ou espacial. Sinônimo de bagunça, balbúrdia e confusão, a palavra usada para se referir às manifestações contra o racismo apaga o motivo dos protestos e a violência exercida pelo Estado, as obscurecendo em uma névoa negativa do descontrole. Como bem observado por Bakhtin (2014), a língua é ideologicamente determinada, bem como a consciência e o pensamento, já que são condicionados pela linguagem e se formam pela ideologia, por isso, o uso de determinadas palavras direcionam diferentes implicações ideológicas.

As reações adversas ao título, logo após o editor do *The New York Times* publicar a imagem da primeira página do jornal no *Twitter*, foram inúmeras. Alguns democratas, como o senador Brian Emanuel Schatz e Julian Castro, tuitaram respostas como “*Os redatores das manchetes do New York Times estão indo para os dois lados do país até a morte*” e “*O presidente está agindo como um ditador em ascensão. O título falha, @nytimes*”, respectivamente. Muitos usuários das redes sociais também demonstraram seu descontentamento com o título da matéria, levando o jornal a publicar uma segunda versão da edição, que foi impressa e publicada no mesmo dia. Já outros leitores não gostaram da ideia de uma nova capa, acusando o jornal de ser comprado pelos democratas, como foi o caso do próprio ex-presidente Donald Trump, que dias depois, também no *Twitter*, publicou (imagem 1):

**Imagem 1.** Publicação do ex-presidente Trump



**Fonte:** Twitter

Por meio de tais repercussões, podemos relacionar o caso analisado com as ideias de Bakhtin (2014), no sentido de a língua ser um produto sócio-histórico, como meio de interação social que é realizada pela enunciação, assim como a ideia da palavra possuir duas faces, uma que procede de alguém e outra que se dirige a alguém. Tais dinâmicas de alteridade possibilitam uma interação entre o locutor e o ouvinte, que não é passivo, mas participante ativo da comunicação verbal. Ou seja, o enunciado deve ser visto levando-se em consideração sua orientação para o outro, pois “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza por meio da interação verbal dos locutores” (BAKHTIN, 2012, p.127 *apud* ZOZZOLI).

Já o título da segunda versão publicada, *Trump threatens to send troops into states*, ou *Trump ameaça enviar tropas aos estados*, se apresenta de maneira mais direta do que o anterior, fazendo referência à ação do ex-presidente em relação à militarização massiva nas ruas. Aqui, há uma mudança de conotação em relação ao primeiro título. Escrito agora em discurso indireto, o segundo título serve como uma adaptação do que o ex-presidente Donald Trump teria discursado a respeito do envio de militares. A palavra “caos” não está mais presente e o título agora parece dar mais ênfase para a decisão de enviar agentes federais aos estados do que para as manifestações. Vale ressaltar que, no título reescrito, o verbo “ameaça” utilizado na oração pode representar algo muito mais negativo do que o verbo “jura”, usado outrora como algo que passasse confiabilidade e esperança em meio ao caos.

Já no caso da linha fina da primeira versão da edição, os escritores praticamente empregaram o título da segunda edição da capa: *Presidente emite ameaça de enviar militares*. Entretanto, talvez haja a possibilidade de os autores desconsiderarem tal frase

para o título na impressão anterior por julgarem que poderia não chamar tanta atenção do público quanto a utilizada. A linha fina da capa atualizada tem o sentido completamente alterado: *Presidente posiciona a polícia por uma ‘photo op’*. Nesta oração, a concepção ideológica do tema parece se transfigurar em uma nova posição do jornal. Ao nosso ver, percebemos que os jornalistas se utilizam de certa ironia ao retratar o episódio, já que dá a entender que o ex-presidente Donald Trump colocou a polícia nas ruas apenas para ter a chance de ser fotografado. Tal alteração reflete no fato de que, por diversos grupos sociais compartilharem o mesmo sistema linguístico, as palavras e enunciações se produzem por meio de valores ideológicos contraditórios, nos quais podem ter seus sentidos influenciados pelo contexto em que ocorrem (PIRES, 2002, p.38).

Diferentemente do título publicado pelo *The New York Times*, a reportagem do *The Washington Post* escrita por Rebecca Tan, Samantha Schmidt, Frederick Kunkle e Jessica Contrera, já é mais direta em relação à ação de Donald Trump, não sugerindo possíveis falas do ex-presidente ou implantando valores explícitos no enunciado. Além disso, ao apresentar a frase *Trump mobilizes troops against unrest*, percebemos que o jornal *The Washington Post* não tratou os protestos de forma amedrontadora.

Já a linha fina da matéria do *Post* apresenta a frase *Officers force peaceful crowd from White House*. Indo em direção oposta às manchetes analisadas anteriormente, os autores identificam a manifestação como pacífica, além de darem a entender, por meio do verbo “*forçam*”, que foram os policiais os possíveis precursores do conflito.

Percebemos que por meio deste conjunto de palavras há um diálogo entre os enunciados do título e da linha fina. Como explica Fiorin (2016), cada discurso pressupõe a presença de outros em sua composição, ou seja, neste caso, podemos ver como o diálogo entre a linha fina ajuda a complementar e direcionar o sentido da própria manchete, além de um diálogo com todos os discursos da época, que classificavam manifestações enquanto agitação, balbúrdia e rebelião.

### **O caso brasileiro: a morte de João Pedro**

O assassinato de George Floyd repercutiu em todas as mídias e desencadeou diversos protestos pelo mundo. No Brasil, deu visibilidade ao caso do menino João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, assassinado dentro de casa, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, durante uma operação das polícias Civil e Federal contra o tráfico de drogas, no dia 18 de maio de 2020. O episódio gerou

---

manifestações mediante à violência policial praticada na comunidade nos dias que antecederam a morte do garoto. Ações maciçamente direcionadas à população negra.

Tal abordagem compõe o objeto deste trabalho: as reportagens publicadas pelo jornal *O Globo*, do dia 31 de maio, redigida por Roberto Moreyra, Aline Macedo, Felipe Grinberg e Leonardo Ribeiro; e pela revista *Piauí*, do dia 2 de junho, de autoria do jornalista Armando Antenore.

As reportagens produzidas dissertam, especificamente, sobre o protesto do dia 31 de maio, no Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, cujo estopim foi o assassinato de João Pedro e de outros cinco negros, com distintos pontos de vista e angulações noticiadas, de acordo com a marca identitária de cada veículo.

A reportagem da revista *Piauí* publicada exatamente 15 dias depois do assassinato de João Pedro leva o título de “Eu não aguento mais chorar!”, um trecho do discurso entoado durante o protesto por uma das manifestantes, a professora negra e fundadora do Movimento Moleque, Mônica Cunha. Uma escolha que além de dar nome ao texto, também revela em suas entrelinhas a marca identitária do autor, em relação ao conteúdo abordado, ao apresentar um dos panoramas do assunto, especificamente, a visão de um dos manifestantes e não da polícia ou de algum personagem contrário ao movimento.

Ao mesmo tempo, a escolha por um discurso direto, também expõe uma tentativa do autor de se desvincular da opinião contida entre as aspas, ao designar tais palavras a uma outra voz, no caso da Mônica Cunha, mas como mencionado acima, isso foi uma escolha do autor, ou seja, ele tinha outras opções, mas de acordo com suas ideologias optou pelo enunciado analisado.

Sob a ótica bakhtiniana (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 33) “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico”, partindo do pressuposto de que a linguagem é social e se dá na interação entre as pessoas, por isso pode-se deduzir que ela é influenciada por questões sociais e que, portanto, a ideologia está presente nela, em outras palavras, a preferência por este título mostra os princípios do autor.

Além disso, podemos qualificar o título como polifonia, pois este conceito vai além da simples introdução de uma voz ou de um efeito de autoridade no texto, trata-se de um processo em que a escolha de um determinado trecho do discurso e não de outro implica uma estratégia argumentativa que visa alcançar determinado efeito de sentido (ARAGUTE, 2010, p. 59), ao considerar de quem é a voz trazida na manchete e que efeitos de sentido podem ser construídos a partir do enunciado selecionado.

---

À vista disso, ao dar voz a uma mulher negra na chamada do texto, o jornalista não somente assume um lado dos fatos, mas também destaca essa versão, deixando claro seus valores no que diz respeito aos diversos casos de violência policial que atingem sumariamente negros, diante do racismo enraizado. A psicanalista Neusa Santos Souza, autora de *Tornar-se Negro*, de 1983, um dos primeiros trabalhos sobre a questão racial na psicologia, afirma que:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (SOUZA, 1983, p. 19)

Desta forma, o enunciado carrega consigo as marcas indicadoras do contexto histórico e social em que se insere o autor - ao expressar sua indignação ao racismo estrutural – e o leitor, por tirar suas próprias conclusões a partir do texto lido e interpretado. Afinal, de acordo com a corrente bakhtiniana, são sujeitos sociais que carregam virtudes, valores e lembranças, que influenciam na interpretação do enunciado, a partir da enunciação.

Seguida da manchete, a linha fina “Fragmentos de revolta contra o assassinato de negros pela polícia explodem em manifestação no Rio”, complementa o título, que não tinha mostrado com clareza o assunto abordado na reportagem.

De modo estratégico relacionado ao aspecto argumentativo dos verbos, em vez de dizer “morte de negros”, declara-se “assassinato de negros pela polícia”, ou seja, afirma como um ato criminoso advindo de forças policiais. E complementa que, tais protestos “explodem (...) no Rio”, pois não se trata de um caso isolado ou sem importância, como o autor aposta, mas uma situação na qual todos deveriam se importar.

Percebe-se, portanto, que a oração carrega a perspectiva do jornalista diante dos fatos. Sobre essa construção dialógica que resultou ao nosso ver o entendimento de um enunciado sem neutralidade, Bakhtin (2001, p.79) assevera que “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”.

Em contrapartida, a matéria do jornal *O Globo*, publicada no dia 31 de maio de 2020 e intitulada “Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar”, apresenta outras percepções que diferem da revista

---

*Piauí*, inclusive por estarem vinculadas ao espaço em que foram produzidas e pelas concepções de cada jornalista, mediante a linha editorial de cada veículo.

No caso da reportagem publicada pelo jornal carioca, o primeiro ponto a ser analisado é o título “Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar” que, como um todo, pode ser identificado como um enunciado, ou seja, tudo aquilo que é falado, escrito e visto. Segundo Luiz Mauro Sá Martino (2017), dentro dos enunciados estão também presentes as enunciações, ligadas sempre a um contexto e a uma ideologia que, neste caso, pode ser representada pela luta dos negros e pelos protestos nos EUA.

Ainda no título, ao destacar o confronto entre os manifestantes e os policiais, o autor optou por fazer um recorte do protesto, antes mesmo de dar voz aos participantes e à causa do movimento. Essa escolha não é autoral dos jornalistas, mas resultado da soma de outros discursos e ideologias, ou seja, eles levaram em consideração conteúdos que já haviam lido, visto ou ouvido, utilizando tais elementos como referência para a escrita de um novo material, percepção que se encaixa na ideia de que nenhum texto é completamente autônomo. Como podemos perceber na teoria de Bakhtin, o dialogismo, pois tal princípio salienta que “nenhum texto é completamente autônomo nem vinculado: a questão está centrada na interação entre os textos” (MARTINO, 2017, p.417).

Diferentemente da revista *Piauí*, a reportagem do jornal *O Globo* destaca desde a manchete o confronto realizado entre manifestantes e as forças policiais, visão que se prolonga na linha fina ao dizer: Ato já havia terminado, mas manifestantes continuavam chegando. Isto significa, que o panorama dos autores do jornal *O Globo* é oposta da reportagem analisada anteriormente, ou seja, o enunciado carrega consigo uma opinião diferente, de acordo com o contexto social em que os autores do jornal *O Globo* estão inseridos. Esse entendimento é alertado por Bakhtin ao afirmar que a enunciação é determinada pela situação social imediata e pelo meio social, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. Por isso, ela é um produto da interação social (PIRES, 2002, p. 6). É isso que faz do enunciado um contínuo fluxo da comunicação verbal, ligado ao movimento da vida social, política e histórica de cada indivíduo.

### **Considerações finais**

O processo de análise das reportagens nos permitiu ver elementos aos quais não tínhamos acesso antes. Ao analisar cada parágrafo, destacar frases e palavras específicas, descobrimos possíveis ideologias e posicionamentos que não são perceptíveis apenas com a primeira leitura das reportagens. Afinal, os pensamentos do autor de um texto – especialmente se este for um texto jornalístico – podem estar presentes de maneira muito sutil, de modo que passe despercebido numa leitura comum.

Nas reportagens norte-americanas, consideramos que as duas linhas editoriais do *The New York Times*, ao menos nas publicações do dia 2 de junho de 2020, divergem quanto à ideologia presente no discurso dos jornalistas que as escreveram. Percebemos também que o jornal *The Washington Post* não se adequou tanto ao discurso oficial do governo dos EUA.

Já nas reportagens brasileiras, em vista das análises abordadas, mesmo retratando o mesmo ocorrido, as duas se diferem nas perspectivas apresentadas. Enquanto o texto da revista *Piauí* busca um olhar humanista, por meio de discursos polifônicos, com o uso do discurso direto de manifestantes, a matéria do jornal *O Globo*, dá voz à Polícia Militar do Rio de Janeiro, que sumariamente está ligada à violência racial cometida no Estado, principalmente nas favelas.

Posto isso, concluímos que essas diferenças se dão em razão das enunciações de cada veículo, jornalista e público-alvo, já que para Bakhtin e seu círculo, a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1992, p.112).

Entretanto, constatamos que, por mais que haja uma certa liberdade de escrita nos conteúdos jornalísticos atuais, tal liberdade não é desprovida de ideologia, já que, mesmo de maneira implícita, a opinião do enunciador está lá e nunca está sozinha. Assim, pudemos observar, por meio da pesquisa e análise das manchetes, que a ordem e o espaço das vozes que se inserem ou deixam de ser inseridas nos textos podem contribuir para sentidos diferentes aos fatos noticiados.

### Referências bibliográficas

ANTENORE, Armando. Eu não aguento mais chorar. **Revista Piauí**, São Paulo, 2, junho de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eu-nao-aguento-mais-chorar/>. Acesso em 8 de junho de 2021.

ARAGUTE, Tania Aiko. **Estudo da polifonia nas notícias da Folha de S. Paulo relativas à Educação**. Tese (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

---

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. 6ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992b.

\_\_\_\_\_. (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.

BASTOLLA, Fernanda Falconi; SOUZA, Antonio Escandiel. **A importância da linguagem como uma prática social na formação docente em nível médio**. XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2017, Unicruz

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: Brait, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, 4ª ed. Ver. e atual., 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MIOTELLO, Valdemir. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MOREYRA, Roberto; MACEDO, Aline; GRINBERG, Felipe; RIBEIRO, Leonardo. Protesto no Palácio Guanabara pela morte de João Pedro tem confronto entre manifestantes e Polícia Militar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31, maio de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/protesto-no-palacio-guanabara-pela-morte-de-joao-pedro-tem-confronto-entre-manifestantes-policia-militar-24455563>. Acesso em 8 de junho de 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

PIRES, Vera Lúcia. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. 2002.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. **A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem**. Rev. Estud. Discurso vol.7 no.1 São Paulo Jan./June 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217645732012000100015&script=sci\\_arttext&tlng=pt#:~:text=A%20concep%C3%A7%C3%A3o%20que%20o%20discurso,127](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217645732012000100015&script=sci_arttext&tlng=pt#:~:text=A%20concep%C3%A7%C3%A3o%20que%20o%20discurso,127). Acesso em 10 de junho de 2021.